

A OFERENDA DO CORPO

Solidariedade de Cristo conosco e entre nós na Carta aos Hebreus

Paulo Ferreira Valério

Introdução

O corpo humano, esse microcosmo, encerra muitos mistérios a serem ainda explorados e desvendados em sua complexidade, diriam algumas ciências, contemplados e amados em sua beleza, poesia, drama e tragédia, diriam outras. Com efeito, o corpo é possibilidade aberta ao infinito, mas também é limite que nos prende ao rés do chão. É porta e janela abertas ao outro, é afago, carícia, prazer, sorriso, alegria, vida, mas também é pancada, ferida, dor, lágrima, tristeza e morte.

Todos os povos tiveram uma concepção particular da corporalidade, e nós também temos a nossa, um tanto ambígua, é certo, pelo que transparece do nosso trato com a corporalidade: de um lado, a prática da tortura, das guerras, dos maus tratos, do aborto e de toda forma de agressão à vida somam-se à fome, ao desamparo, ao descaso para com os idosos, à indiferença para com os mais carentes fisicamente, à exploração sexual, à intoxicação mediante o uso todo tipo de droga; de outro lado, existe a supervalorização e a comercialização do corpo jovem, masculino ou feminino, nos concursos de beleza e desfiles de moda, no frenesi das academias em busca do corpo ‘ideal’, no recurso a todo tipo de artifício para manter a juventude a todo custo, no medo da velhice e da morte.

A Bíblia teria algo a nos dizer sobre o corpo? Certamente. Mas na Bíblia falam muitas vozes: também ali se encontram misturadas visões as mais diversas da corporalidade – são conhecidas as passagens de agressão ao corpo nas guerras e em outras formas de violência, as que demonstram uma visão patriarcal e machista da corporalidade, etc. Como também existem concepções altamente positivas, que partem da observação do corpo e da experiência da vida, expressas num sistema lingüístico que – ao contrário do grego – não desenvolveu nenhum conceito abstrato, porém mostra claramente que tem sua origem na corporalidade concreta.

Segundo a carta aos Hebreus, a essa corporalidade concreta (“aos pais”, “nos profetas” e “a nós”) é que Deus “muitas vezes e de modos diversos falou outrora” e agora dirige-se a nós, por assim dizer, “corpo a corpo”, na pessoa de seu *Filho* Jesus Cristo, em completa solidariedade conosco (cf. 1,1-2). Esse falar de Deus é seu amar, agir, vir ao encontro, compadecer-se de nós, salva-nos, enfim, em Jesus.

O autor de Hb faz dessa relação com Deus o eixo gravitacional de sua exposição: tudo vai girar em torno daquilo que realmente *nos aproxima de Deus* (Hb 7,19), que nos garante o acesso a ele (10,19), para sermos transformados por sua santidade (12,10) e encontrarmos a verdadeira vida (12,9)¹.

1. Cf. VANHOYE, A., *La situation du Christ*. Paris: Les Éditions du Cerf, 1969, p. 52.

Essa relação entre Deus e nós é estabelecida por Jesus, que é Filho em relação ao Pai (I), irmão em relação a nós (II) e mediador (sacerdote) solidário entre Deus e nós (III), e em relação ao mundo, é herdeiro e mediador da criação (Hb 1,2) (IV).

Em decorrência desse dom excepcional de contato com Deus, somos exortados a viver como filhos de Deus (V), irmãos-discípulos de Jesus Cristo (VI), irmãos solidários entre nós (VII) e co-herdeiros de todas as coisas (VIII).

Estamos convencidos de que a corporalidade oferece um ponto de partida interessante para um estudo desse texto um tanto negligenciado por essas paragens². Sem pretender fazer uma análise exaustiva do tema da corporalidade em Hb, nosso propósito é convidar o leitor a percorrer as páginas da Carta aos Hebreus como que tateando em busca do relevo e do movimento dos corpos que aí aparecem: o corpo de Jesus, o corpo dos cristãos, o ‘corpo’ do mundo. O peso ‘corporal’, por assim dizer, dessa temática em Hb, não está tanto na ocorrência do termo corpo (*sôma*), como tal (só aparece cinco vezes: 10,5.10.22; 13,3.11), mas no fato de toda a carta poder ser lida como uma meditação a propósito da solidariedade de Cristo para conosco, manifestada em sua corporalidade (encarnação, vida, morte e ressurreição) e da solidariedade que devemos manifestar uns aos outros precisamente em nosso ser corporal.

A. Solidariedade de Cristo conosco

I. Relação de Cristo com Deus: Filho

A primeira preocupação do autor de Hb é definir o status de Jesus: ele é o *Filho*. O Filho recebe seu ser do Pai; é o resplendor do Pai (a glória – *kavod*, ‘peso’ – é o próprio Deus: 1Rs 8,10-13; Ex 33,19-22), a fonte luminosa; o filho é ‘luz da luz’: “Não podemos imaginar um resplender independente da fonte nem, inversamente, uma fonte que não resplandecesse”³. O ‘peso’ dessa glória ecoa na palavra “expressão”, que na verdade é uma “impressão”, no sentido de imprimir: no Filho está *impressa* a imagem do Pai, uma “efígie, como a marca deixada por um carimbo” (*Bíblia de Jerusalém*).

O Filho, agora, sentado à direita da Majestade, acha-se coroado de honra e de glória (1,3; 2,9). Essa imagem valoriza sobremaneira a realidade corporal de Jesus, pois a cabeça e o rosto de uma pessoa são representações físicas da honra do indivíduo, daí que os rituais através dos quais a honra é formalmente conferida envolvem uma cerimônia que se concentra normalmente na cabeça do protagonista.

2. Apesar de sua riqueza teológica, são muito raros os estudos sobre a Carta aos Hebreus publicados no Brasil. À exceção de uma obra conjunta (AA. VV., *Os escritos de São João e a Epístola aos Hebreus*. São Paulo: Paulinas, 1988), de um resumo de um dos melhores estudos de Hb — VANHOYE, A., *A mensagem da Epístola aos Hebreus*. São Paulo: Paulinas, 1977, e de tratados em Introdução ao Novo Testamento (cf. BROWN, R., *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 2004), não dispomos de nenhum estudo de peso dedicado exclusivamente a Hb.

3. VANHOYE, A. *La situation du Christ*, p. 72.

Coroação ou unção são representações físicas da honra que está sendo outorgada ao receptor da ação. Inversamente, safanões, espancamento ou, em caso extremo, decapitação, são sinais de desonra. Por sua vez, a mão direita de uma pessoa é símbolo do poder pessoal, portanto, de honra. Sentar-se à direita de uma pessoa dignitária torna-se garantia de honra para aquele ali sentado.

Semelhantemente, ser colocado aos pés de outra pessoa ou prostrar-se perante alguém são representações físicas da respectiva honra das duas partes: em Hb 1,13, os inimigos de Cristo tornar-se-ão estrado de seus pés.⁴

Para o ponto que nos interessa – a questão da relação, da solidariedade encarnada – convém ressaltar a questão do “nome” que o Filho recebe. Para nós, o nome não tem quase nenhuma importância, mas os antigos tinham outra mentalidade: o nome expressava o próprio ser da pessoa: “No pensamento semítico, o nome designava o que uma pessoa era, e a recepção de um novo nome indicava alguma mudança na pessoa que o recebia”⁵. Ademais, “ele é um meio de relação entre as pessoas e determina a natureza e a extensão dessas relações... De um lado, seu ‘nome’ situa-o numa relação particular com Deus, de outro, com os homens, e lhes oferece, portanto, o meio de entrar em relação com Deus”⁶.

Esse nome que está acima de todo nome não indica a geração eterna da segunda pessoa da Trindade, pois o contexto imediato não evoca a relação eterna do Pai com o Verbo, mas a posição que o Filho obteve depois de ter ‘efetuado a purificação dos pecados’ (1,4). Por essa mesma razão não pode referir-se à encarnação, embora essa possa ser a perspectiva de outras passagens bíblicas (por ex., Lc 1,35). De acordo com o pensamento de Hb, Jesus se ‘torna’ o Filho no momento em que é glorificado, ou seja, depois de sua paixão e morte: depois de efetuar a purificação dos pecados, ele se assenta à direita de Deus e recebe o nome mais excelso⁷.

Aquele que ‘realizou a purificação dos pecados’ encontrava-se em nosso nível humano, de onde sobe para Deus: “O Filho é uma pessoa real, que realizou a purificação dos pecados, e tal conquista está intimamente relacionada ao fato de o Filho assentar-se à direita da Majestade”⁸.

Por essa razão, o autor de Hb julga oportuno situá-lo em relação aos anjos cuja dignidade e poder eram reconhecidos como superiores aos dos homens.

Na mentalidade religiosa de seu tempo, os anjos possuíam um lugar privilegiado. Não se concebia dignidade maior do que a desses seres tão próximos de Deus. As

4. Cf. DeSILVA, D.A. “Discurso da honra na Epístola aos Hebreus” in idem, *A esperança da glória*. Reflexões sobre a honra e a interpretação do Novo Testamento. São Paulo: Paulinas, 2005, p. 40-41.

5. BOURKE, Myles M. The Epistle to the Hebrews, in BROWN, Raymond E., FITZMYER, Joseph A. MURPHY, Roland E. (ed.), *The New Jerome Biblical Commentary*. Great Britain: Geoffrey Chapman, 1990, p. 920.

6. VANHOYE, A. *La situation du Christ*, p. 89.

7. Cf. *ibidem*, p. 139-142.

8. BROWN, R. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 892.

peças não podiam evidentemente esperar nada melhor do que serem admitidas a participar da liturgia angélica⁹.

Aos anjos atribuíam-se a tarefa de oferecer a Deus a oração e os méritos dos fiéis viventes sobre a terra (cf. Tb 12,12). “Mas a atividade dos anjos não está limitada ao santuário de Deus. Ela se estende também sobre nosso mundo. Mais próximos de Deus do que os homens, os anjos não estão, porém, isolados do mundo; ao contrário, eles aí exercem poderes mais extensos. Não admira constatar que a maneira segundo a qual se descrevia sua ação dependia das concepções cosmológicas do tempo. Segundo uma opinião corrente, os anjos regulariam o curso dos astros, o desenvolvimento das estações, a distribuição dos elementos e até mesmo o curso do mundo¹⁰.”

O ‘culto aos anjos’ (cf. Cl 2,18), portanto, era uma mistura sedutora de misticismo fácil e de formalismo religioso que exaltava a imaginação ao evocar liturgias celestiais esplêndidas ou de triunfos prestigiosos aqui em baixo: “A razão para introduzir a superioridade de Jesus sobre os anjos está ligada à intenção de Hb: os destinatários correm o risco de afastar-se da Palavra de Deus pronunciada por meio do Filho”¹¹.

Com efeito, “para alguns, era forte demais a tentação de preferir o esplendor e o poder dos anjos a um Messias crucificado. E mesmo que se insistisse na glorificação de Jesus, poder-se-ia imaginar que ele simplesmente havia tomado um lugar entre os anjos”¹².

O autor de Hb faz questão de marcar bem a diferença entre os anjos e os homens – aqueles são definidos como ‘espíritos’, não são de ‘sangue e carne’, como os homens (cf. 2,14), mas não foi com eles que o Filho veio ocupar-se, mas com a descendência de Abraão (cf. 2,16).

E estabelece o mesmo contraste entre os anjos e o Filho: os anjos não são convidados a assentar-se à direita de Deus, não estão destinados a reinar com ele. Criados com vistas a diversas funções, eles são enviados lá onde seus serviços são solicitados. O autor não receia assumir o contrapé das denominações correntes que atribuíam aos anjos não a humildade do serviço, mas títulos honoríficos como Potências, Dominações, Senhorios (Cl 1,16; Ef 1,21; 1Pd 3,22)¹³.

Entre os anjos e Cristo existe uma oposição completa no que concerne a posição deles em relação a Deus. Cristo é convidado por Deus a assentar-se junto dele; os anjos são enviados alhures; Cristo reina com Deus; os anjos são servidores; Cristo não precisa afadigar-se; os anjos, ao contrário, devem labutar ‘por aqueles que devem herdar a salvação’ (1,14); assemelham-se aos sacerdotes, sempre ocupados, ao passo que o

9. Mesmo admitindo que no tempo do NT havia o perigo, entre alguns, de colocar os anjos acima de Cristo, R. Brown adverte que precisamos ser cautelosos quanto à pressuposição de que tal erro circulasse entre o público destinatário de Hebreus (BROWN, R. *Introdução...*, p. 893).

10. VANHOYE, A. *op. cit.*, p. 97.

11. BOURKE, Myles M. *The Epistle to the Hebrews*, *ibidem*, p. 923.

12. VANHOYE, A. *La situation du Christ*, p. 99.

13. Cf. *ibidem*, p. 223.

Cristo permanece assentado tranqüilamente (10,11-13)¹⁴. Obviamente essa é a perspectiva do Cristo glorificado, e não do homem Jesus de Nazaré, que veio para servir e não ser servido (Mt 20,28 e par.), que se apresentava como “aquele que serve” (Lc, 27; Jo 13,14-15). Esse serviço humilde culmina no sacrifício completo de si mesmo, como “Servo de Javé”, que oferece sua vida em expiação (Is 53,10), que foi oferecido para tirar os pecados da multidão (Hb 9,28).

De fato, o Cristo jamais poderia ser proclamado Filho de Deus, se ele não tivesse sido sempre. Mas ele, mesmo sendo o Filho, viveu sua vida terrestre na condição de servo. Em vez de ser assumida completamente desde o começo na glória da filiação, sua humanidade se situava no nível da nossa. É por isso que o autor faz uma afirmação que nos soa estranha: foi preciso que Deus tornasse Cristo perfeito (5,9; 7,28).

Aplicada a um homem comum, esta expressão seria entendida no sentido moral e não causaria espécie, mas no caso de Jesus, como entendê-la? Seria preciso rejeitar toda idéia de progresso moral em Jesus?

Certamente o autor de Hb afirma que Jesus não cometeu pecado (4,15), mas isso não exclui que ele também tenha progredido moralmente. Lc atesta que Jesus crescia não só psicologicamente, mas também em sabedoria e em graça diante de Deus (2,52). “Portanto, Jesus conheceu as etapas de um verdadeiro crescimento humano. Se seu corpo cresceu, sua alma¹⁵ de homem também se desenvolveu sob as influências exteriores em plena conformidade com a vontade de Deus. Pode-se dizer que Jesus foi perfeito desde seu nascimento e a seguir, em cada etapa de sua existência. Mas não é preciso compreender com isso uma perfeição abstrata e imutável, que tornaria impossível toda evolução e progresso. Trata-se, antes, de uma perfeição concreta, adaptada a cada etapa da vida e, portanto, inclinada para a etapa posterior. Jesus menino não possuía a perfeição de um adulto. Antes de sofrer, não possuía a perfeição moral que a aceitação do sofrimento confere. Do contrário, não teria sido verdadeiramente homem e a faltaria seriedade à encarnação”¹⁶.

Cristo não assumiu uma humanidade fundamentalmente diferente da nossa, mas uma humanidade de carne e de sangue (2,14). Paulo vai mais longe e afirma de uma “carne semelhante à do pecado” (Rm 8,3). Sua natureza humana era fraca (cf. 2Cor 13,4), sujeita ao sofrimento e à morte. “A humanidade de Cristo, solidária com a nossa, precisa ser ‘aperfeiçoada’ mediante uma transformação profunda. Devia passar de um modo de existência carnal para um modo de existência perfeitamente espiritual. Vê-se que não se trata de um simples progresso na virtude, mas de uma refontalização completa. Daí a necessidade da morte”¹⁷.

14. Cf. *ibidem*, p. 223.

15. Essa forma dualista de expressão é apenas funcional: o que se quer dizer é que Jesus, em sua totalidade de pessoa, foi aperfeiçoado por Deus.

16. Cf. VANHOYE, A., *La situation du Christ*, p. 322-323.

17. Cf. *ibidem*, p. 323.

A fim de conferir a perfeição, ou seja, a fim de estabelecer definitivamente a humanidade de Cristo na glória divina, Deus não o subtraiu à condição humana, mas, ao contrário, levou-o à extrema solidariedade com os outros homens, conduzindo-o pelo caminho do sofrimento e da morte (2,10).

A assimilação do Cristo aos homens tem por meta trazer-lhes a salvação (2,10). E isso se dá através da morte, mas aqui existe um paradoxo: a morte é descrita como reino do diabo e com instrumento de vitória do Cristo. Como é possível que uma mesma realidade sirva inicialmente para oprimir os homens e, a seguir, para libertá-los?

O sentido primeiro da morte é negativo: ela é conseqüência de uma ruptura com Deus (Gn 2,17; Rm 5,12). Cristo, porém, ao submeter-se à morte, triunfa sobre ela: “Morrendo ele destruiu nossa morte” (*Prefácio da Páscoa I*). Não que ele tenha suprimido a necessidade inelutável da morte física para todo homem, mas ela mudou-lhe completamente a orientação.

A morte humana era a triste conseqüência do pecado. O Cristo, solidariamente, aceitou essa pena sobre si mesmo (2,14), transformando-lhe assim o sentido. Enquanto a morte atestava a desobediência do homem em relação a Deus, a morte de Cristo foi um ato de obediência levado ao extremo (cf. Hb 2,10; 5,8; 10,5-10). Enquanto a morte, em si mesma, provoca dissociação, a morte de Cristo foi um ato de caridade e de solidariedade levado ao extremo (2,14.17-18; 4,15; 5,9) Vê-se, portanto, que a morte de Cristo é realmente o oposto da morte, a negação da negação¹⁸.

Ao abrir, por sua morte, um caminho que leva o homem para além da morte, Cristo transforma radicalmente a condição humana. Não simplesmente a dos homens que morrem, mas também a dos vivos, pois doravante a vida não é mais um caminho sem saída, como o lamentava Eclo 40,1-2: “O objeto de seus pensamentos, o temor de seu coração é a espera angustiada do dia da morte”. De terrível que era, a morte se torna desejável: tal é a mudança de perspectiva que iluminava a vida dos mártires.

Em sua função de pioneiro, o Filho partilhou da carne e do sangue dos filhos de Deus, e foi feito semelhante a seus irmãos e irmãs em todos os aspectos, a fim de que se tornasse um sumo sacerdote misericordioso e fidedigno para realizar a expiação dos pecados de seu povo. Porque ele próprio sofreu e foi tentado, é capaz de socorrer aqueles que são tentados (2,14-18)”¹⁹.

A filiação divina comporta em si a imortalidade; é um caminho que não conhece fim (7,3). Mas Jesus tomou o caminho da morte; foi preciso que rezasse para ser salvo da morte (cf. 7,5) e foi ouvido, mas passando pela própria morte (2,14); foi assim que ele conseguiu que o poder de vida indestrutível penetrasse sua humanidade por inteiro (cf. 7,16). Sua natureza de carne e de sangue (2,14) precisava ser transformada e regenerada. Na verdade, foi precisamente para esse fim que ele assumiu uma natureza semelhante à nossa: a fim de transformá-la e de elevá-la à plena dignidade de Filho²⁰.

18. Cf. *ibidem*, p. 353-354.

19. BROWN, R. *Introdução...*, p. 894.

20. VANHOYE, A. *La situation du Christ*, p. 144.

A perspectiva inicial do autor é, portanto, escatológica: ele não se ocupa da condição de Cristo na preexistência, nem com a carreira terrestre de Jesus, mas com o Cristo chegado ao termo de um percurso depois de ter realizado a purificação dos pecados: é proclamado Filho, herdeiro de todas as coisas, mediador e mantenedor da criação, resplendor da glória de Deus e expressão de seu ser, assentado junto ao trono de Deus, com um nome acima de todo nome.

O nome não indica somente a dignidade de uma pessoa, mas determina, além disso, a natureza de suas relações com os outros. Já vimos qual a relação que o Filho mantém com o Pai – é Filho de Deus. Resta considerar o caminho que Cristo percorreu para atingir esse ápice, e esse caminho passa pela relação com os homens, mediante a oferta de seu corpo em fraterna solidariedade.

II. Relação de Cristo para conosco: irmão

As primeiras páginas de Hb apresentam a pessoa e a missão de Cristo com grande riqueza teológica e humana, desenvolvendo especialmente o aspecto da solidariedade de Cristo com os homens.

O autor de Hb diz-nos que Deus “muitas vezes e de modos diversos falou”, o que indica uma rica multiplicidade de tentativas de estabelecer uma ligação com os seres humanos. Ele não economizou palavras, buscou chegar-se a nós de diversas formas, ora dando-nos mandamentos, ora fazendo-nos promessas; ora fustigando os rebeldes, ora reconfortando os que sofrem. Para anunciar-nos seu grande projeto, usou todas as formas de expressão possível: teofanias terríveis, visões consoladoras, breves oráculos, grandes afrescos históricos, pregação dos profetas, cantos e ritos litúrgicos, acontecimentos e legislação²¹.

Essa multiplicidade, porém, indica também certa imperfeição e parcialidade, algo como o “esboço dos bens futuros, não a expressão própria da realidade” (10,1-2), “um símbolo” (11,19) ou uma “advertência sobre a terra” (12,25). Como bom pedagogo, Deus começou por falar de coisas elementares, sob forma acessível: herança da terra, libertação, sacerdócio hereditário.

Em todo caso, a amplitude e a duração dessa preparação dão uma idéia da plenitude da palavra e da relação que será atingida precisamente no mistério de Cristo.

Essa plenitude será revelada precisamente num *Filho*. O termo Filho, embora seja usado para expressar a relação singular com o Pai, também evoca uma dimensão bem peculiar a nós humanos: é fruto do amor, da união corporal entre pessoas, um elo de ligação. Esse filho, ser humano de carne e osso, está relacionado aos “pais”, é descendente dos patriarcas, aos ‘nossos pais’ e, portanto, está ligado a nós como irmão.

A fraterna solidariedade de Cristo conosco encontra sua maior expressão na oferta de seu corpo por nós na morte. Ele morreu *por* nós, não propriamente em substi-

21. Cf. *ibidem*, p. 56-57.

tuição à nossa morte, pois somos convidados a segui-lo no caminho que ele próprio percorreu (cf. Hb 12,1-3), mas no sentido em que ele realizou aquilo que nenhum ser humano seria capaz de fazer para realizar sua vocação: enfrentar a morte de tal maneira que ele se tornasse caminho de retorno para Deus²².

Jesus é homem individual e universal ao mesmo tempo; um homem cuja solidariedade com os outros atinge uma profundidade única, a ponto de se poder dizer que não somente os representa, mas os contém a todos; não é simplesmente um homem mas *ecce homo* (Jo 19,5)²³. Nessa condição, o Cristo podia perfeitamente exercer a função de mediador entre Deus e os homens.

III. Relação de Cristo entre Deus e nós: mediador (sacerdote)

Tendo estabelecido que o Cristo, em relação ao Pai, é o Filho que alcançou esta posição mediante a obediência do caminho da cruz (dimensão escatológica), em perfeita solidariedade fraterna conosco (dimensão eclesiológica), o autor explicita agora a posição de Cristo como mediador entre Deus e nós, na qualidade de sumo sacerdote misericordioso e fiel. O ser fiel, digno de confiança, assegura que Cristo é acreditado por Deus, isto é, que o acesso a Deus está garantido pela relação ímpar com o Filho; misericordioso indica a capacidade de compadecer-se de nós, a pertença à nossa condição humana pela encarnação²⁴.

Com efeito, ao se tornar em tudo semelhante aos irmãos é que Jesus exerce o papel de sacerdote misericordioso e fiel (2,17). Sumo sacerdote que é capaz de compadecer-se de nossa fraqueza, Jesus foi provado em tudo, como nós, exceto no pecado (4,15). Tal qual o sumo sacerdote israelita, Cristo não exaltou a si mesmo, mas foi escolhido por Deus, um aspecto ilustrado pelos salmos de coroação real (5,1-6). Descrevendo os sofrimentos de Jesus nos dias de sua carne, quando ele apresentou orações e súplicas Àquele que tinha o poder de salvá-lo da morte (5,7-9), o escritor afirma que Jesus aprendeu a obediência, não obstante fosse o Filho²⁵. Quando ele foi tornado perfeito, transformou-se em fonte de eterna salvação para todos os que lhe obedecem (cf. Fl 2,8-9)²⁶.

“O que é típico de Hb é o paralelo estabelecido entre o sumo sacerdote, que penetra no Santo dos Santos, uma vez por ano, levando o sangue dos bodes e dos touros, e Jesus, que penetrou de uma vez para sempre no santuário celeste, com seu próprio sangue ratificando, assim a nova aliança”²⁷.

22. Cf. *ibidem*, p. 293.

23. Cf. *ibidem*, p. 302.

24. Cf. VANHOYE, A. *Struttura e teologia nell'epistola agli Ebrei*. Roma: PIB, 1988, p. 57.

25. Estes versículos demonstram familiaridade com a tradição da paixão de Jesus, segundo a qual ele orou a Deus quando estava prestes a morrer (cf. Lc 22,41-43 e par.).

26. BROWN, R. *Introdução...*, p. 895.

27. *Ibidem* ..., p. 897.

O autor de Hb mostrará que “Cristo venceu a distância entre Deus e o homem, a seguir entre o homem e Deus, que ele nos traçou um caminho, que entrou no santuário. Dirá alhures que o Cristo foi tornado perfeito por seus sofrimentos, que aprendeu a obediência, que se tornou sumo sacerdote misericordioso e fiel”²⁸.

A obediência do sacrifício de Jesus é expressa em 10,5-9 através de uma passagem do Sl 40,7-9 que ressalta tanto mais a importância da corporalidade como mediação salvífica: “Formaste-me um corpo... Aqui estou, vim para cumprir, ó Deus, tua vontade, conforme está escrito de mim no livro”. Este sacrifício tornou perfeitos para sempre aqueles que são chamados a participar a própria consagração de Jesus; os pecados deles são perdoados, de modo que não há mais necessidade de oferendas pelo pecado”²⁹.

IV. Relação de Cristo com o mundo: herdeiro e mediador da criação

A posição do Filho como herdeiro é a mais gloriosa e honrosa que se possa imaginar, e ele a alcança precisamente por meio da oferenda de seu corpo, como num perder-se todo inteiro para tudo e todos ganhar. Com efeito, a história da salvação é apresentada na Bíblia em termos de herdeiro (cf. Gn 15,3s; Hb 11,11s) e de herança (Gn 15,7; Hb 11,8). Nesse Filho foram cumpridas e até superadas todas as promessas aos pais.

A partir dessa condição do Filho como herdeiro da criação, o autor remonta à sua origem: ele foi o mediador da criação. “Deus não lhe confia apenas os seres criados, mas o ato mesmo de os suscitar”³⁰.

A Bíblia fala da criação de Deus “pela palavra” (Sl 33,6; Sb 9,1), “com sabedoria” (Sl 136,5; Jr 10,12; Sb 9,2); chega até mesmo a conferir à Sabedoria um tipo de existência pessoal (Sl 147,18; Sb 18,15); é apresentada como uma pessoa que fala, que apela aos transeuntes (Pr 1,20s; 8,1-4), que faz o próprio elogio (Pr 8,12; Sr 24,1), sedutora, de quem a gente se enamora (Sb 8,2); achava-se até mesmo ao lado de Deus no momento da criação (Pr 8,27-31; Sb 9,9); é o mestre-de-obras de todas as coisas (Sb 7,21).

Contudo, essa personificação é um artifício poético; não se pode falar deveras de alguém, ao passo que em relação ao Filho, “não se trata mais de uma abstração personificada, mas de uma pessoa realmente existente, cuja intervenção se situa num ponto determinado da história humana”³¹.

Consideremos que a gnose não suportava a idéia de que Deus tivesse contato com o mundo material. O autor de Hb enfatiza precisamente a íntima relação entre Deus, o Filho e a obra da criação. Nesse ponto, ele não exprime uma especulação pessoal, mas uma afirmação da fé cristã (1Cor 8,6; Cl 1,15-16; Jo 1,2-3.10).

28. VANHOYE, A. *La situation du Christ*, p. 88.

29. BROWN, R. *Introdução...*, p. 898.

30. VANHOYE, A. *La situation du Christ*, p. 66.

31. *Ibidem*, p. 68.

B. Solidariedade entre nós

Uma das características mais marcantes de Hb é a alternância de dois gêneros literários, a saber, exposição doutrinal e parênese, ou seja, após um ensinamento doutrinal, segue-se uma exortação ou admoestação prática, ‘pastoral’, baseada precisamente no que acabou de ser exposto. Mas, longe de ser apenas uma questão de estilo literário, esse procedimento mostra que “salvação humana não é uma salvação apenas pelo conhecimento, mas uma salvação mediante a conversão (cf. 12,1-13)”³².

V. Nossa relação com Deus: filhos

Na primeira parte de Hb, o autor trata do Cristo como o primogênito (1,6), do centro de seu reino (1,8), de sua entronização (1,6;2,5); descreve o movimento que o Filho realizou a fim de se colocar junto de nós (2,10-18); sua fidelidade/credibilidade junto ao Pai (3,1-5), sua compaixão sacerdotal (3,14ss). Para Jesus, a escatologia é realidade presente, enquanto o sacrifício é passado, já realizado (2,10; 5,9; 7,28); agora ele se acha coroado de glória (2,9); tudo está consumado, uma vez por todas, pela oferta única de seu corpo (10,10.14)³³. Em contraste com esta situação de Cristo, qual é a situação dos cristãos?

De acordo com Hb 2,14, os homens têm em comum o sangue e a carne, o que exprime a idéia de associação e de comunidade: comunhão de natureza, comunhão de destino. Mas falar de sangue e de carne é sublinhar o que a natureza humana comporta de fraqueza e de debilidade (Mt 26,41; Mc 14,38), e que “a condição carnal é experimentada como obstáculo nas relações entre o homem e Deus, pois ela situa o homem num nível inferior e o torna incapaz de perceber as realidades espirituais (cf. Sb 9,14s; Mt 16,17; 1Cor 2,14). Ademais, em seu estado atual, ela aparece como consequência do pecado e comporta uma tendência ao mal”³⁴.

Amiúde o homem é joguete de forças que o superam; longe de dominar tudo, choca-se com dificuldades insuperáveis. Sua vida é constantemente ameaçada e, por fim, sucumbe à morte. Diferentemente de Cristo, para o homem, a escatologia é ainda futura e o sacrifício, uma necessidade; ele ainda se acha a caminho da glória (2,10).

De um lado, o homem aparece como ser frágil, limitado: nascido de mulher, vida curta e cheia de tormentos; semelhantemente a uma flor, floresce e desaparece como uma sombra (cf. Jó 14,1-2). Mas é com essa criatura aparentemente miserável que Deus tanto importa: “O homem ocupa um lugar importante no desígnio de Deus... À sua vileza ele alia uma estranha grandeza, a de estar em relação com Deus”³⁵.

32. VANHOYE, A. La structure littéraire de l'Épître aux Hébreux, p. 254.

33. Cf. VANHOYE, A. La structure..., p. 253-254.

34. VANHOYE, A. La situation du Christ, p. 348.

35. *Ibidem*, p. 269.

Essa relação é expressa pela palavra *filhos*: tendo-se feito nosso *irmão*, o Filho nos torna filhos de seu Pai: “Pois tanto o Santificador quanto os santificados, todos, descendem de um só” (2,11).

Esse é o caminho novo e vivo, inaugurado através da humanidade de Cristo (10,19), caminho pelo qual o homem pode chegar-se à Jerusalém celestial, tornando-se membro da assembléia dos primogênitos (12,23), alçado, portanto, à condição de filho.

Contudo, assim como Jesus, para atingir o status de Filho, foi aperfeiçoado pelo sofrimento, da mesma maneira nós só seremos acolhidos na cidade que está por vir (13,14), percorrendo o caminho do discipulado de Cristo, que comporta a inevitável experiência do sofrimento.

VI. Nossa relação com Cristo: irmãos e discípulos

Se o sofrimento faz parte da vida humana e o Cristo o assumiu, aqueles que o seguem não podem furtrar-se ao sofrimento. Aliás, os cristãos tinham tido essa experiência no início:

“Lembraí-vos, contudo, dos vossos primórdios: apenas havíeis sido iluminados, suportastes um combate doloroso. Éreis às vezes apresentados como espetáculo, de baixo de injúrias e tribulações, outras vezes vos tornáveis solidários daqueles que tais coisas sofriam. Vós participastes, com efeito, do sofrimento dos prisioneiros” (10,32-34).

Com efeito, “os cristãos eram vítimas de preconceitos, maledicência, insulto e difamação, tornando-se até mesmo alvo de massacres planejados e de processos legais locais. Portanto, estar associado ao nome de ‘cristão’ era não somente perigoso, mas também desonroso”.³⁶

O autor de Hb apresenta o exemplo de fé e de perseverança dos antigos, que também passaram por diversos sofrimentos e provações: Abraão foi provado (11,17), Moisés “preferiu ser maltratado com o povo de Deus a gozar por um tempo do pecado” (11,25), enfrentando as agruras do deserto, de “olhos fixos na recompensa” da terra prometida (11,26). Muitos outros foram “esquartejados..., sofreram a provação do escárnio, experimentaram o açoite, as correntes e as prisões. Foram lapidados, foram serrados e morreram assassinados com golpes de espada. Levaram vida errante (pelos desertos e pelas montanhas, pelas grutas e cavernas da terra), vestidos com peles de carneiro ou pêlos de cabras, oprimidos e maltratados, sofreram privações” (11,36-37). Foram muitas as testemunhas que sentiram em sua própria pele, em seu corpo a desonra, pois “a honra de alguém e o tratamento dispensado a seu corpo estão intimamente ligados”,³⁷ como conseqüências de sua fidelidade a Deus.

36. DeSILVA, D.A. “Discurso da honra na Epístola aos Hebreus”, p. 238.

37. *Ibidem*, p. 240.

O sofrimento dos cristãos é interpretado pelo autor como decorrência de seu status de filhos e, ao mesmo tempo, como condição para se tornarem verdadeiros filhos através do seguimento e imitação do Filho: “É para a vossa educação que sofreis. Deus vos trata como filhos. Qual é, com efeito o filho cujo pai não educa? Se estais privados da educação da qual todos participam, então sois bastardos e não filhos” (12,8).

Devido, talvez, também aos sofrimentos, os seguidores de Cristo achavam-se numa espécie de letargia espiritual e mental, incapazes de compreender doutrina mais sólida. O corpo espiritual da comunidade é o de uma criança quando, pelo tempo transcorrido na fé, já deveria ser o de um adulto (cf. 5,11-14). O pior é que alguns não só não progrediram, como até mesmo desistiram, ainda que tenham saboreado a palavra e os sinais do mundo vindouro: “Os cristãos destinatários correm perigo de tornar-se apáticos por causa do desânimo”³⁸.

Agindo assim, estavam recrucificando o Filho de Deus e expondo-o à injúria, quando Deus já o tinha coroado de honra: “Castigo corporal, tal como flagelo ou crucifixão, é um ato de degradação imposto ao corpo, sinal da falta de consideração da qual são alvo os criminosos assim punidos”³⁹.

Nesse ponto, a carta aos Hb é muito dura: para quem agir assim, é impossível renovar a conversão uma segunda vez (6,6), como Esaú, que foi rejeitado mesmo tendo-se arrependido entre lágrimas (12,17). Isso não significa um limite à misericórdia de Deus, mas uma radicalização da idéia de que, se alguém rejeita o Cristo, o que lhe sobrar?

O autor adverte contra o desviar-se do caminho, o que seria uma falta e ao mesmo tempo um castigo: não entrar no repouso prometido (3,19). O desviar-se supõe um caminho a percorrer, enquanto o repouso aponta para o final dessa meta: caminho e chegada estão também relacionados à dimensão corporal. Não menos o castigo e a recompensa. O castigo pela transgressão da Lei de Moisés era a morte (Hb 10,28); o violador do sábado era lapidado (Nm 15,32-36); as revoltas do povo são punidas (Nm 11,33), seus cadáveres caíram no deserto (Hb 3,17), até o desastre final da destruição de Jerusalém, com a morte de muitos israelitas e a deportação de outros (2Cr 36,14-20).

O castigo que ameaça os cristãos desobedientes não é explicitado, o que o torna mais medonho, “pois um perigo do qual não se percebem os limites suscita maior inquietude ainda”⁴⁰. Mas em 10,27.31, o autor fala de ardor de fogo que devora os rebeldes e de quão terrível é cair nas mãos do Deus vivo.

A gravidade da falta de obediência pode ser medida levando-se em consideração aquilo que é rejeitado: negligenciar uma palavra é um ato de indocilidade, mas ainda pode existir a desculpa de que ela é por demais exigente. No entanto, rejeitar a *salvação* é rejeitar um amor, como, então, desculpar-se⁴¹?

38. BROWN, R. *Introdução...*, p. 894.

39. DeSILVA, D.A. “Discurso da honra na Epístola aos Hebreus”, p. 41.

40. VANHOYE, A. *La situation du Christ*, p. 237.

41. VANHOYE, A. *La situation du Christ*, p. 241. Cf. ainda idem, *La structure...*, p. 252.

A fim de evitar tal infâmia, importava observar tanto mais cuidadosamente os ensinamentos que ouviram para que não se desviassem (2,1); considerar atentamente Jesus (3,1) em sua fidedignidade para com Deus e em sua solidariedade para conosco: “Que não haja coração mal e *infidel* que se afaste do Deus vivo” (3,12). É preciso demonstrar “o mesmo ardor em levar até o fim o pleno desenvolvimento da esperança, para não serdes lentos à compreensão, e sim imitadores daqueles que, pela fé e pela perseverança recebem a herança da promessa” (6,11). Trata-se de um combate que inclui até mesmo o sacrifício do próprio corpo, o martírio: “Vós ainda não resististes até o sangue em vosso combate contra o pecado” (12,4).

Animado pelo exemplo dos antepassados, o autor de Hb convida os cristãos a prestar a atenção “para não deixar de ouvir aquele que vos fala” (12,25), a rejeitar todo fardo e o pecado que os envolve, e correr com perseverança para o certamente proposto, com os olhos fixos não na recompensa da terra prometida, mas em Jesus, autor e realizador da fé, aquele que, “em vez da alegria que lhe foi proposta, sofreu a cruz, desprezando a vergonha” (12,2).

Uma vez que Cristo penetrou no santuário, mediante sua humanidade, por meio de seu próprio sangue, garantindo-nos o acesso ao repouso de nosso ser em sua totalidade, podemos aproximar-nos “com o coração sincero e cheio e fé, com o coração purificado de toda má consciência, com o corpo lavado com água pura” (10,22).

VII. Nossa relação entre nós: fraterna solidariedade

No exercício do discipulado e seguimento de Cristo, a comunidade é exortada a exercer a mesma solidariedade fraterna exemplificada por ele: “Exortai-vos, antes, uns aos outros, dia após dia, enquanto ainda se disser ‘hoje’, para que ninguém de vós se endureça pela sedução do pecado” (3,13).

Mesmo em meio ao sofrimento, a comunidade tem demonstrado trabalho e amor pelos crentes, no serviço mútuo (6,10), mas o autor entende que parar é retroceder; por isso, deseja que cada um persevere até o fim no mesmo empenho, sem negligência, exercendo uma espécie de mútuo sacerdócio: “Velemos uns pelos outros para nos estimularmos à caridade e às boas obras. Não deixemos as nossas assembléias, como alguns costumam fazer. Procuremos, antes, animar-nos sempre mais, à medida que vedes o Dia se aproximar” (10,24-25).

No exercício do amor fraterno, que deve permanecer, ressalta-se o cuidado especial que se deve dispensar à dimensão corporal: “Não vos esqueçais da hospitalidade... Lembrai-vos dos prisioneiros, como se vós fôsseis prisioneiros com eles, e dos que são maltratados, *pois também vós tendes um corpo*” (13,3).

Na mesma idéia de respeito à corporalidade, exorta-se à dignificação do matrimônio, que não deve ser manchado pela infidelidade ou pelo adultério (13,4). Paralelamente ao que Jesus exorta em Lc 12,22-34 e par. quanto ao abandonar-se à providência, o autor de Hb admoesta os cristãos a não pautarem sua vida pelo amor ao dinheiro, mas a entregar-se confiadamente ao Senhor (13,6).

A conduta dos cristãos é descrita até mesmo em termos sacrificiais, como verdadeiros sacerdotes: por meio de Cristo, devem oferecer continuamente um sacrifício de louvor a Deus, o fruto dos lábios, sendo que o sacrifício que mais agrada a Deus é precisamente a beneficência e a comunhão fraternas (13,16).

VIII. Nossa relação com o mundo: co-herdeiros

Em decorrência da posição especial de Cristo, os cristãos também se elevam a uma posição de muita honra: são herdeiros da salvação e até os anjos estão a seu serviço (3,1; 1,14). Os anjos – seres etéreos e sem corpo – estão a serviço até mesmo dos que herdarão a salvação, pessoas humanas, descendência daquele a quem Deus fez as promessas: Abraão (2,16).

Se o Filho é o herdeiro de todas as coisas e é também nosso irmão, conseqüentemente participamos de sua dignidade, somos também herdeiros de um reino inabalável (12,28), embora nossa posição não seja totalmente idêntica à do Filho porque nossa herança situa-se no futuro e é designada pelo nome de ‘salvação’⁴².

Cristo, como pioneiro, já abriu o caminho, mas a caminhada deverá ser feita na fé, “que é uma posse antecipada do que se espera” (11,1). Quando os cristãos se viam espoliados de seus bens, eles aceitavam com alegria tal sofrimento porque estavam “certos de possuir uma fortuna melhor e mais durável” (10,34), mas, para alcançar a grande recompensa, é preciso não esmorecer: “De fato, é de perseverança que tendes necessidade, para cumprirdes a vontade de Deus e alcançardes o que ele prometeu” (10,36).

Conclusão

A reflexão sobre a carta aos Hb sob a ótica da corporalidade não pretende ter exaurido toda a riqueza que ela oferece quando lida sob essa perspectiva. Contudo, julgamos ter apresentado elementos suficientes que justifiquem o esforço.

A vocação geral do homem, vivida em sua corporalidade, ainda não está plenamente realizada, mas em um caso concreto, em Jesus, ela se realizou: ele foi rebaixado em relação aos anjos, fez-se solidário conosco, mas agora está coroado de glória e de honra. Em Jesus, é a vocação do homem que se realiza. E o caminho que ele percorreu encontra-se doravante aberto para cada homem. A glória que ele obteve é a glória de todo homem. E quando a dominação universal lhe for concedida, ao homem é que tudo será submetido... Mas a vocação humana só se realiza na solidariedade⁴³.

Ressuscitado, Jesus não cessa de nos reconhecer como irmãos. Se sua exaltação tivesse sido obtida pela evasão da condição humana, a solidariedade entre ele e nós teria sido rompida, mas foi por ter sofrido a morte que ele foi coroado de glória (2,9). Sua

42. Cf. VANHOYE, A., *La situation du Christ*, p. 224.

43. Cf. *Ibidem*, p. 284.

glorificação se apresenta como conseqüência de sua inteira solidariedade conosco até o extremo limite do sofrimento humano. Assim como diz o prefácio da Ascensão: “Ele, nossa cabeça e princípio, subiu aos céus não para afastar-se de nossa humildade, mas para dar-nos a certeza de que nos conduzirá à glória da imortalidade” (*Prefácio da Ascensão do Senhor I*).

“Por isso, o corpo de Cristo é a mais significativa imagem mediadora do cristianismo. Na eucaristia, na boa ação de graças, no pão da vida... ele é o símbolo da plena bênção divina; na imagem do crucificado, ele é o ‘diá-bolo’ dos condenados desta terra, esquecidos por Deus; no corpo transfigurado do ressuscitado ele é o símbolo revolucionário da vitória sobre os poderes e a violência da destruição”⁴⁴.

Seguindo seus passos, como irmãos dele, filhos do mesmo Pai, em solidariedade fraterna, estamos certos de alcançar, enfim, o repouso com que tanto sonhamos: a hospitalidade da casa do Pai.

Bibliografia

BOURKE, Myles M. “The Epistle to the Hebrew”, in BROWN, Raymond E. FITZMYER, Joseph A. MURPHY, Roland E. (ed.), *The New Jerome Biblical Commentary*. Great Britain: Geoffrey Chapman, 1990.

BROWN, R. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 2004.

DeSILVA, D.A. “Discurso da honra na Epístola aos Hebreus” in idem, *A esperança da glória*. Reflexões sobre a honra e a interpretação do Novo Testamento. São Paulo: Paulinas, 2005.

SCHROER, S. – STAUBLI, T. *Simbolismo do corpo na Bíblia*. São Paulo: Paulinas, 2004.

VANHOYE, A. *La structure littéraire de l'Épître aux Hébreux*. Lyon: Desclée de Brouwer, 1962.

— *Situation du Christ*. Épître aux Hébreux 1 et 2. Paris: Les Éditions du Cerf (“Lectio Divina” 58).

— *Struttura e teologia nell'epistola agli ebrei*. Roma: PIB, 1988.

— *A mensagem da Epístola aos Hebreus*. São Paulo: Paulinas, 1977.

Paulo Ferreira Valério
Av. Herculano Bandeira, 471 – Recife PE
Fones: (81)3467-8162; 3467-7943
Fax: (81)3439-3320
paulo_valerio@uol.com.br

44. SCHROER, S. – STAUBLI, T. *Simbolismo do corpo na Bíblia*. São Paulo: Paulinas, 22-23.